

D  
& O  
PROCURADOR

---

FAUNO MENDONÇA

**Fauno Mendonça**  
**D. e o Procurador**

**1ª Edição Brasília**  
**2020**

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**

Mendonça, Fauno

D. e o procurador / Fauno Mendonça. – Brasília, DF :  
Editora Escrita Criativa, 2020.  
248 p. ; 22,8 cm.

ISBN 978-65-990733-8-0

1. Romance brasileiro. I. Título.

CDU 869.0(81)-31

Bibliotecário responsável: Fabrício Schirmann Leão – CRB 10/2162

Copyright by Fauno Mendonça 2020.

Todos os direitos reservados ao autor.

Nenhuma parte ou o todo pode ser reproduzido por qualquer meio, digital ou virtual sem a expressa autorização do autor, comprovada tecnicamente.

Plágio é crime, conforme as definições da Lei nº 9.610/1998.

## SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO</b>	<b>9</b>
<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I</b> <b>A Escuridão e o silêncio</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO II</b> <b>Divagações de D.</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO III</b> <b>O Procurador</b>	<b>27</b>
<b>CAPÍTULO IV</b> <b>O Procurador e a Aliança</b>	<b>35</b>
<b>CAPÍTULO V</b> <b>A Carta</b>	<b>47</b>
<b>CAPÍTULO VI</b> <b>Elisabetha e Meus Cães</b>	<b>55</b>
<b>CAPÍTULO VII</b> <b>Fábrica de Luz e Jackson Brown</b>	<b>69</b>
<b>CAPÍTULO VIII</b> <b>O Absinto e o Conde</b>	<b>85</b>
<b>CAPÍTULO IX</b> <b>Rumo à Irlanda</b>	<b>91</b>
<b>CAPÍTULO X</b> <b>A morte e a verdade</b>	<b>99</b>
<b>CAPÍTULO XI</b> <b>Seu amigo Willian</b>	<b>113</b>
<b>CAPÍTULO XII</b> <b>Da Irlanda à Transilvânia</b>	<b>123</b>
<b>CAPÍTULO XIII</b> <b>Ao Castelo de D.</b>	<b>133</b>
<b>CAPÍTULO XIV</b> <b>Brasov</b>	<b>147</b>

<b>CAPÍTULO XV</b> <b>A Igreja Negra</b>	<b>165</b>
<b>CAPÍTULO XVI</b> <b>Diário de Bordo e Renfield</b>	<b>177</b>
<b>CAPÍTULO XVII</b> <b>Os preparativos e D.</b>	<b>193</b>
<b>CAPÍTULO XVIII</b> <b>D. &amp; o Procurador</b>	<b>213</b>
<b>CAPÍTULO XIX</b> <b>O retorno</b>	<b>237</b>

“Dedico este livro àqueles que ainda não  
descobriram os verdadeiros valores da vida.”

O Autor.



“Entre à vontade, saia sã e salvo e deixe aqui  
um pouco da felicidade que traz!”

Conde Drácula.

(Drácula – Bram Stoker).



## PREFÁCIO

“D. e o Procurador” prega cada expectativa em quem lê esta obra de Fauno Mendonça sem estar previamente preparado para saber de um encontro ao vivo com o Conde Drácula, fato que aconteceu ao Procurador Nolan Connor Burke, um irlandês que se precisa conhecer melhor para entender o que significa ser alguém preocupado em conhecer os mistérios que envolvem o mundo desconhecido quase no final do século XIX.

O livro que está sendo prefaciado tece os aspectos que envolvem lendas, crenças, dominações humanas sobre seus semelhantes, como a da Inglaterra sobre a Irlanda, a do espírito tido mais desenvolvido sobre aquele tido como de menor capacidade.

O que faria alguém largar o bem-estar vivido em Londres, como profissional de sucesso, para ao local de origem, no interior da Irlanda? O fato é que o ser humano necessita constantemente de novos desafios, até mesmo para descobrir algo surpreendente sobre a própria vida, como é o caso de Connor, que fica sabendo, finalmente, de quem é filho, sem antes ter se preocupado com isso. Esse ser humano, ávido por conhecimentos externos que lhe ajudam a alcançar o entendimento de seu íntimo mais profundo, vai ao encontro de uma personagem lendária centenária que assusta até os mais corajosos heróis. Para isso, vai até os Montes Cárpatos, mas será que vai mesmo falar com ele?

Ao fazer a revisão ortográfico-linguística desta obra, tivemos o privilégio de perceber os grandes conhecimentos geográfico-histórico-culturais de seu autor, que faz fluir a narrativa em capítulos bem tramados, de forma que o leitor fica preso nas garras de mistérios que ele mesmo gostaria de desvendar.

Assim, o leitor encontrará personagens amigas, parceiras e ligadas também à religião. Fica sabendo quem é (era no passado) o mais famoso vampiro do mundo, um ser que quer e precisa ter um Procurador que lhe ajude a adquirir imóveis velhos (até em ruínas) na cidade de Londres.

Pergunto ao leitor se ele já sabe mesmo quem é o Conde Drácula. O que esse ser considerado das trevas foi mesmo em vida? Recomendo que se prepare para fortes emoções, mas garanto que sobreviverá à leitura, afinal não é uma obra de terror.

Roque Aloisio Weschenfelder

Professor aposentado, revisor, tradutor e crítico literário.

## APRESENTAÇÃO

Nos passos flutuantes do Conde Drácula, esta obra escoa nos seus preparativos para seguir rumo à Inglaterra Vitoriana do final do século XIX em busca de sua redenção, bem como, adentra nos profundos questionamentos íntimos e políticos do Procurador Connor Burke.

Não se trata de uma ficção de terror, aproximasse de um intenso drama com tons de suspense, no qual o leitor terá a oportunidade de desvendar segredos e mistérios encravados no lado mais oriental da Europa e enxergar os vícios e as vicissitudes de suas personagens que buscam algo maior para suas vidas.

Baseado na magnífica obra “Drácula”, de Bram Stoker, este livro imerge na mente sombria do Conde da Transilvânia, desnudando sua dor atemporal na sede de paz eterna, bem como na batalha introspectiva do Procurador irlandês, a fim de encontrar seu verdadeiro caminho diante de um mundo vil e complexo.

Quem teve o privilégio de ler a referida obra de Bram Stoker irá reencontrar alguns de suas exóticas personagens e sentirá ainda a solidão do anti-herói das sombras e do sangue que sobrevive na penumbra da morte; conhecerá também outras criaturas que vigiam os nossos medos e sonhos.

Encontre-se juntamente com D. e o Procurador no lado oculto da terra além das florestas, local onde há uma luz de vela bruxuleante iluminando as trevas da existência.

Brasília, 09 de maio de 2020.

O autor



# CAPÍTULO I

## A ESCURIDÃO E O SILÊNCIO

A noite iniciou sem a luminosidade do balé de uma simples luz de vela; só as trevas habitavam o interior do castelo. Na parte externa, o brilho da Lua era rarefeito diante de nuvens pesadas, e um silêncio sepulcral dava o tom noturno. A cor acinzentada dos céus dos Montes Cárpatos envolvia a escuridão, e o silêncio formava a comunhão perfeita que nutria o Conde há séculos. Ele não mais pertencia a este mundo. Apesar de necessitar de sua energia, encontrava-se no plano da morte e no templo da blasfêmia não compreendido pelos simples mortais. Essa era a atmosfera que pairava em seu castelo, local de um universo agônico e de dor.

O castelo do Conde Drácula localizava-se encravado na ponta de um grande rochedo. Em seu porão de terra batida havia criptas em um recinto fechado e sem janelas. O Conde repousava ao cantar do galo e ali permanecia durante o dia. Levantava-se no início da noite como se em um leito de mortais estivesse. Dormia de olhos abertos e, dependendo de seu humor, mudava de feições com muita naturalidade. Seus olhos não tinham as características dos olhos dos mortos, mas eram vitrificados. Quando descansava, mantinha-os atentos e vivos. Seus lábios eram bastante vermelhos.

Travava-se de um ser pronto para sair da redoma da morte ao cair da noite e deixar o estado letárgico no esquecimento. Ao levantar seu olhar, brilhava como uma brasa vermelha, tornando-se profundo e vigoroso. Após alguns minutos, aqueles olhos de fogo transformavam-se em olhos negros que tinham a intensidade da noite escura. Porém, a cor da cólera poderia voltar momentaneamente diante de alguma tensão.

Ao acordar, ele empurrava a tampa da cripta com uma força extraordinária para a lateral e a partir dali saía vagarosamente de seu covil cheio de terra de suas terras. Fora de seu leito, curvava-se e apertava os

laços de suas botas com destreza. As mãos eram rudes, fortes e frias. E as unhas bastante pontiagudas. Havia um pouco de cabelo em suas palmas.

No momento em que ficou totalmente em pé, alinhou suas vestes negras. Ali se notava um homem alto e meio senil, mas muito rígido e corpulento. Apesar de seus cabelos serem abundantes, estavam rareando ao longo da testa. O nariz adunco contrastava diante de seu olhar firme. As sobrancelhas eram exaltadas; elas quase se encontravam. A face demonstrava uma brutalidade externada por seu queixo forte e largo. Mesmo possuindo bigodes brancos de um nobre, esse detalhe não arrefecia seu semblante. As orelhas eram finas, angulosas e apontavam ao céu.

O rosto da criatura possuía uma palidez realçada por dentes caninos muito brancos. Ele se alimentava de vida contida em sangue alheio, mas não tinha a cor dos vivos. Era um ser complexo. Ao preparar-se para sair daquele ambiente claustrofóbico, fechava a pesada tampa que cobria seu aposento. Demonstrava forças robustas para poder demovê-la ao seu lugar de origem.

O Conde Drácula caminhava flutuando por entre as criptas para sair de sua capela que fora construída para ser o seu cemitério, mantendo-a escondida do mundo. Encontrava-se em condições precárias de conservação. Ao ir saindo do ambiente sombrio, desvencilhava-se de pesados ferrolhos de portas velhas que emitiam sons de coisas muito antigas. Atravessava um túnel de pedras e subia em uma escada caracol; seguia em frente e entrava em um estreito corredor até adentrar em algum outro cômodo.

Ao chegar a uma escada de pedra curvilínea, subia e atingia um grande salão. Lá dava acesso a vários lugares, inclusive à saída do interior do castelo. Assim, o fez. Seguiu e abriu uma porta de cedro, muito reforçada.

Na parte externa, via-se um grande pátio e alguns caminhos. Havia arcos arredondados nas laterais do castelo e um enorme portão de ferro que era a passagem à principal parte de entrada e de saída. Ao voltar-se pelo lado esquerdo, um profundo precipício revelava-se. Nos Cárpatos há milhares deles.

O castelo encontrava-se bem na beira de uma grande rocha quase pontiaguda. Para chegar até a sua entrada lateral deveria subir centenas e centenas de degraus em uma escada de pedra ou poderia seguir por uma estrada curvilínea que passava pela encosta das montanhas até o portão principal. Era um belo pequeno forte. Ingressar não era tarefa fácil. Do alto do castelo visualizavam-se todos os pontos cardeais. Fácil de ver os inimigos e muito difícil para os inimigos invadi-lo.

Ao andar no canto daquela pequena fortaleza, o Conde dirigiu-se próximo a um muro baixo de pedra que limitava o castelo de um profundo despenhadeiro. Ventava bastante. Um vento cortante por sua própria força e pelo frio da região.

Ao olhar para baixo, notavam-se rochas misturadas com uma vegetação rasteira e um veio de água de um pequeno rio, o Rio Princesa. Lançando o olhar mais ao horizonte, observava-se que a região era rica em florestas e grandes vales. À noite, essa visão era muito prejudicada pelas névoas, mas não para o Conde. Ele pertencia à escuridão. Era um ser noturno.

Ali, naquele pequeno muro, ele colocou o pé direito e curvou-se para frente. As ranhuras das botas o ajudavam a manter a firmeza do corpo diante do abismo. Tinha um olhar perdido. Suas vestes negras estavam protegidas por uma capa igualmente preta e tremulavam insolentemente na solidão.

Os pensamentos do Conde transitavam no ritmo bruxuleante das suas roupas. Suas visões, pensamentos e desejos transpassavam além do mundo sem luz; todos eles se encontravam turvos como as névoas que insistiam em permanecer cravadas por entre as montanhas.

Naquela noite, tudo era cinzento e vago, menos as lembranças de Elisabetha e do início de sua maldição, as quais estavam intensamente presentes no meio daquele ambiente ermo e distante do resto do mundo.

No ritmo dos ventos das Cordilheiras dos Cárpatos, ao olhar para o nada, o Conde Drácula deixava escorrer suas divagações no tempo passado e presente; mostrava-se muito convicto de que teria que resolver algo que não fora resolvido há séculos.